

Ministry of Defence of the Russian Federation



Rússia lançou mísseis, após Vladimir Putin prometer poupar o sistema energético da Ucrânia

Rússia rompe acordo e promove bombardeio à Ucrânia novamente

Sob pressão de Trump antes de negociar, Putin rompeu trégua com mega-ataque

Na véspera de mais uma rodada de negociações de paz com a Ucrânia mediadas pelos Estados Unidos, a Rússia rompeu a trégua parcial acertada entre Vladimir Putin e Donald Trump e promoveu um mega-ataque contra o rival nesta madrugada de terça-feira (3).

A ação veio um dia depois de o presidente americano fechar um acordo comercial com a Índia na qual Nova Déli, segundo ele, prometeu cortar a compra de petróleo russo. "Isso vai acabar com a guerra", afirmou Trump.

O russo havia prometido poupar o sistema energético do rival, que enfrentou temperaturas de cerca de -20 graus Celsius nesta noite. Ao longo da segunda (2), não havia atacado nenhum alvo relevante.

Isso acabou, segundo nota do próprio Ministério da Defesa russo. Na conta dos ucranianos, foram lançados 450 mísseis, 92% dos quais acabaram abatidos, e 71 mísseis, dos quais 47% atingiram alvos.

Com a ação, houve blecautes em algumas partes do país, inclusive na capital, Kiev, embora não na escala vista nas últimas semanas. Mas o ataque foi forte: entre os mísseis, foram empregados alguns modelos hipersônicos Kinjal e Tsirkon, esse raramente usado.

O bombardeio foi centrado nas duas maiores cidades da Ucrânia, Kiev e Kharkiv. Há relatos de feridos, mas como a ação seguiu pontualmente ao longo da manhã, não foi revelado um balanço final.

Ele ocorreu poucas horas depois de Trump dar declarações otimistas sobre as conversas que irão recomeçar na quarta (4) em Abu Dhabi. "Eu acho que estamos indo muito bem com a Ucrânia e a Rússia. Pela primeira vez digo isso. Acho que nós teremos, talvez, algumas boas notícias", afirmou.

Trump havia dito que a pausa ocorreria devido às baixíssimas temperaturas da Ucrânia, já que os ataques têm sistematicamente cortado energia, aquecimento e fornecimento de água para os moradores de cidades maiores.

Já o Kremlin havia confirmado que suspenderia ataques, mas para desanuviar o clima para as conversas, que estavam previstas para o domingo (1º), mas nunca parou de fato de agir, com exceção da segunda (2).

Há um padrão aqui. Os russos costumam promover ataques mais intensos na guerra que iniciaram há quase quatro anos sempre que há um evento relevante na seara política, seja encontros entre aliados de Kiev ou tentativas de negociação.

É uma forma, na visão russa, de demonstrar determinação num momento crucial da guerra. A questão do petróleo irritou particularmente o Kremlin, segundo a reportagem ouviu de uma pessoa próxima do governo russo nesta terça.

Oficialmente, a reação foi de esperar para ver. "Não ouvimos nenhuma declaração do lado indiano sobre isso. O que mais importa é nossa relação estratégica com a Índia", afirmou o porta-voz Dmitri Peskov.

Segundo dados do finlandês Centro de Pesquisa em Energia e Ar Limpo, desde que a Europa decidiu começar a reduzir a compra de petróleo russo devido à guerra, em dezembro de 2022, Nova Déli foi responsável por 38% das importações do produto russo - a China lidera, com 47%.

Em dezembro, quando as sanções impostas por Trump às duas maiores petroleiras russas começaram a fazer efeitos, houve uma redução de 29% nas compras, ante outubro, uma tendência que deve continuar. Ainda assim, naquele mês os indianos compraram R\$ 11,2 bilhões em petróleo de Putin.

As conversas marcadas para Abu Dhabi também vêm sendo precedidas pelo que é percebido como movimentos inaceitáveis pelos russos.

Nesta terça, o jornal britânico Financial Times publicou que as garantias de segurança trabalhadas para que a Rússia não volte a atacar a Ucrânia preveem um plano que, no limite, obrigaria a Otan a entrar em guerra com Moscou.

O secretário-geral da aliança militar ocidental, o holandês Mark Rutte, disse nesta terça que acabar com o conflito implica "escolhas difíceis", o que inclui concessões territoriais de Kiev na prática.

Ele disse que hoje os europeus fornecem 90% da munição antiaérea de Volodimir Zelenski, comprada dos EUA por meio de um programa bolado por Trump para não ajudar gratuitamente os ucranianos. Rutte vai visitar Kiev nesta terça.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Em novo recuo, governo Trump diz que agentes do ICE vão usar câmeras

Em novo recuo depois que agentes federais mataram duas pessoas em menos de um mês em Minneapolis, o governo Donald Trump disse na segunda (2) que todos os membros do ICE, o serviço de imigração americano, e do CBP, a agência de fronteiras dos Estados Unidos, vão passar a usar câmeras corporais.

A medida foi anunciada pela secretária de Segurança Interna, Kristi Noem, e vale imediatamente para agentes de campo em Minneapolis, cidade onde o ICE e o CBP mataram Renee Good, no dia 7, e Alex Pretti, no dia 24, respectivamente.

De acordo com Noem, todos os agentes federais de imigração dos EUA vão ser equipados com as câmeras "à medida que o financiamento for disponibilizado". Esse é o governo mais transparente da história americana -obrigado, presidente Trump. Faça a América seguir de novo", escreveu a secretária em publicação no X.

O uso de câmeras corporais, que gravam agentes de segurança durante operações, era uma das exigências feitas pela liderança do Partido Democrata na disputa orçamentária que ameaça paralisar o funcionamento do Departamento de Segurança Interna (DHS), que comanda o ICE e o CBP.

Trump, que tem maioria de apenas três assentos no Senado e de dois na Câmara dos Representantes, trava um conflito acirrado com a oposição no Congresso para conseguir manter o governo federal funcionando. A disputa ganhou novos contornos depois da morte de Pretti, baleado pelo menos dez vezes depois que já estava imobilizado por agentes.

Depois de um acordo com senadores democratas na sexta (30), foi aprovado um pacote orçamentário que libera recursos para o governo até setembro de 2026 -com exceção do DHS, que foi separado da lei principal e receberá financiamento por apenas duas semanas.

Nesse ínterim, os democratas esperam conseguir negociar mais medidas para "conter o ICE", nas palavras do líder da minoria no Senado, Chuck Schumer -uma das exigências era o uso de câmeras corporais por agentes.

Outras incluem proibir que

agentes usem máscaras durante operações; exigir que só prendam pessoas se tiverem mandados judiciais para isso; o fim de operações batendo de porta em porta, sem alvos definidos; e a abertura de investigações contra os agentes que mataram Good e Pretti em Minneapolis.

Entretanto, a Câmara ainda precisa aprovar esse primeiro acordo, que financia o governo até setembro e o DHS, por duas semanas. Enquanto isso não for feito, as operações do governo federal americano ficam paralisadas -o chamado shutdown.

Alguns líderes democratas na Casa pedem que os colegas rejeitem o pacote orçamentário, dizendo que financiar a pasta em um momento em que "agentes mascarados invadem as casas das pessoas sem mandado", segundo o deputado Jim McGovern, é impossível.

Do outro lado da disputa, republicanos linha-dura na Câmara que se opuseram à ideia de separar o pacote orçamentário geral -que inclui mais de US\$ 800 bilhões (R\$ 4,2 trilhões) para as Forças Armadas- do financiamento do DHS.

Segundo esses deputados, fazer isso seria ceder à oposição em um dos temas nos quais o partido governista mais tem força na opinião pública -imigração- e ferir de morte a campanha de deportação em massa de Trump.

Apesar de ter uma diminuta maioria na Câmara, a Casa Branca precisa dos votos democratas se quiser aprovar o pacote orçamentário rapidamente e evitar um novo shutdown prolongado, como o de 2025. Para passar a medida em regime de urgência, são necessários dois terços dos votos dos deputados.

De outubro a novembro do ano passado, uma disputa sobre financiamento de subsídios a planos de saúde paralisou o governo americano por 43 dias, o shutdown mais longo da história. Ele só terminou depois que um grupo de democratas no Senado rompeu com a liderança do partido e votou com os republicanos para aprovar o pacote orçamentário -o mesmo que precisa ser avaliado agora, já que o acordo de 2025 só previa financiamento do governo até o dia 31 de janeiro de 2026.

Por Victor Lacombe

(Folhapress)

Reuters/Folhapress



Trump recua e colocará câmeras nos agentes da imigração